

18-02-2021

**Psii... ela só tem 38 anos!****Ernani Costa Mendes**[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.  
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

O ano de 2021 apenas começou e as violências contra as mulheres romperam o calendário de forma turbulenta como se fossem o agito dos espumantes das festas torpes à la Neymar.

A pirotecnia dos fogos de Copacabana foi proibida e não cumpriu a finalidade de dar esperança e força para o ano vindouro, por outro lado observamos que as violências impostas pelos misóginos perfazem um espetáculo dos horrores que nada temos para comemorar: aviltamentos, estupro, assassinatos com ritos de crueldade e até cativeiro doméstico.

As notícias são de arrepiar para quem é pai de menina, como eu! Recorrendo à história, lembro-me do estupro colonial que as mulheres negras eram submetidas sistematicamente, sem ao menos ter o direito de defesa. Essa violência, ao lado de todas as outras a que eram submetidas lançaram as bases e estruturaram o labirinto obscuro em que estão presas até hoje: total descaracterização do feminino, de sua natureza meiga e especialmente amorosa, do seu instinto de sobrevivência, da sua autoestima e de seu poder de criação (em sua maioria são mães solteiras, periféricas e com baixo grau de escolaridade, algo que o Movimento Feminista Negro denuncia de longa data, não é verdade amiga Vitória Izaú?).

O recorte com as mulheres negras somente foi para lembrar o quanto elas vêm sendo subalternizadas, cerceadas em direitos e eliminadas só pelo fato de serem negras, pelo fato de possuírem mais pigmento de melanina em suas epidermes, vide o caso de Madalena que foi mantida por 38 anos em cativeiro doméstico!

Estamos vivendo um anacronismo histórico, ou de uma vez por todas, teremos que nos convencer que os vestígios do período escravocrata com seus malgrados e equívocos são incorrigíveis e irremediáveis? Os crimes cometidos contra as mulheres no Brasil e no mundo, retroalimentados por uma mentalidade retrógrada e machista (caracterizada pelo patriarcado), transbordam as questões relacionadas a dados epidemiológicos, saúde e de segurança pública! Virou uma questão de Direitos Humanos Supranacionais!

O que deveremos fazer enquanto sociedade para deslegitimar essas práticas? Será que teremos que repensar a educação dos meninos, fortalecer e reconhecer os movimentos feministas ou talvez promover uma equanimidade de direitos buscando a tão sonhada justiça social que garanta a igualdade de direitos às mulheres?

As violências nas ou contra as mulheres não param por aí.

Ainda temos tantas outras formas de agressões às suas integridades, como podemos evidenciar no desenrolar do câncer feminino, principalmente o de mama e do colo uterino que nos casos complicados, interdita a desenvoltura da imanência feminina.

Esses dois tipos de neoplasias malignas dependendo de seus tipos histológicos, estadiamentos e prognósticos poderão proporcionar uma cascata de acontecimentos e/ou complicações que impactarão decididamente na qualidade de vida e na condição de ser e de se sentir “mulher”. A violência aqui poderá ser de várias ordens, o câncer de mama avançado pode acarretar uma série de metástases, inclusive em coluna vertebral imputando a elas uma limitação física permanente. Ou ainda, em situações menos complexas, como no momento do diagnóstico ou da descoberta da neoplasia maligna serem assombradas pela fantasia de não poderem amamentar seus

futuros filhos - a mama feminina para além do referencial de sensualidade e sexualidade está intrinsecamente ligada à perpetuação da espécie humana quando consideramos o ato da amamentação -, por outro lado, o câncer mamário abala fortemente as estruturas psicológicas das mulheres independentemente delas optarem pela maternidade ou não.

Podemos observar ainda, a violência da rejeição ou do abandono dos seus cônjuges após a cirurgia de retirada da mama por conta da extensão tumoral “... doutor eu tenho 60 anos de idade e 20 de operada, desde então, nunca mais fiz sexo com meu marido.... Ele sempre falou que depois da cirurgia o interesse sexual dele por mim tinha terminado...” (choros) ou “... doutor ele disse que não é obrigado a ficar com uma mulher aleijada (sem peito) e por isso foi embora...”

E o que falar do câncer de colo de útero avançado com todas as suas complicações: metástases ósseas, falência renal, ascite (coleção de líquido intra-abdominal), fadiga, falta de ar, dor local, dor óssea, dor emocional, estreitamento do canal vaginal pós radioterapia, vaginismo etc... Podendo o cenário observado no câncer de mama se repetir aqui em relação ao contexto matrimonial, agudamente, quando o intercuro sexual é impedido por conta do estreitamento do canal vaginal.

Mais uma vez a violência provocada pelo avanço da doença maligna amplia demasiadamente o sofrimento mental e físico dessas mulheres. Outro tipo de violência direcionada às mulheres é falta de uma educação preventiva em relação ao câncer feminino, dificuldade de acesso à rede pública de saúde e a dificuldade de realização de exames para o diagnóstico precoce. Precisaremos desenvolver uma estratégia que possa atingir o imaginário da população - principalmente aquela mais pobre e menos esclarecida - em relação ao que seja realmente o câncer, de forma que ela (a população) possa estabelecer uma vinculação entre os fatores de risco e a formação do tumor. Não basta dizer que o ato de fumar ou de transar sem proteção são fatores de risco para o câncer, precisaremos desenvolver pontes de interseções tangíveis para que a população possa compreender e inserir em seu contexto social a possibilidade da existência da doença. Porque, no mundo da vida ou das manifestações fenomênicas, a grande parcela da população só acredita nessa possibilidade na medida que desenvolve a doença. .... Psii... ela só tem 38 anos! .... Foi a chamada de atenção que recebi da colega de trabalho Patrícia Chelles em relação a mais um caso, vivo e real, de uma jovem mulher com câncer avançado de colo de útero que não tinha entendido que foi exposta aos fatores de risco que formam o terreno insólito do aparecimento do câncer.

Sem citar aqui a questão da hereditariedade, ou seja, o fator familiar colaborando para o desenvolvimento do câncer, todos os outros fatores desencadeantes da gênese do câncer uterino (fumo, multiplicidade de parceiros, multiparidade, obesidade, para ficar com os mais importantes) podem estar atrelados à violência da falta de informações a essas mulheres...

Precisamos evoluir conscientemente em relação a esse tema. NÃO ao feminicídio! Basta! Rogamos uma trégua a tantas violências. Rogamos a Oxum, orixá regente de 2021, a Mãe Meiga das Águas Doces, a Dona do Ouro e da Sensualidade Feminina que proteja com todo o seu amor a formosura de todas as mulheres. Ora yê yê ô! ■ ■ ■

(Veja)

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*